

Iolanda Évora

## Feiras livres e mercados no espaço lusófono: aspectos metodológicos

Apresentado no âmbito do Projecto Pró-África, CNPq - Visita  
Exploratória “Feiras livres e mercados no espaço lusófono: trabalho,  
geração de renda e sociabilidade”

*O CEsA não confirma nem infirma  
quaisquer opiniões expressas pelos autores  
nos documentos que edita.*

Nesta apresentação o foco recai sobre aspectos do campo da nossa pesquisa e entendemos que uma reflexão sobre o mesmo é importante devido a:

- 1- especificidades do nosso objecto empírico (as feiras livres e mercados que são atividades de trabalho e económicas presentes em centros urbanos do Brasil, de Cabo Verde e da Guiné-Bissau
- 2- nossas opções metodológicas e de postura ético-política em relação à realidade social e aos seus atores
- 3- o tipo de estudo que pretendemos realizar

**Entre os eixos de estruturação da nossa proposta de pesquisa destacamos que:**

1- temos um mesmo conjunto de preocupações em relação às diferentes realidades e contextos de estudo, ou seja, os nossos focos são:

- a) os processos cotidianos que organizam o trabalho nos mercados e feiras livres;
- b) as condições para a construção de uma base de trabalho, ou seja, o conjunto de conhecimentos, recursos materiais e relações pessoais que possibilita aos trabalhadores gerarem renda através do trabalho em micro-emprego.

2- não se pretende recolher dados para uma comparação, mas garantir um conhecimento cumulativo, em que a realidade das feiras e mercados locais, em cada um dos centros urbanos, seja estudada na sua singularidade e ilu

ine a compreensão dos outros contextos;

Busca-se a compreensão das acções sociais e dos processos organizativos de um lugar ou contexto específico não necessariamente generalizáveis, mas passíveis de aplicação de conceitos e esquemas.

Do ponto de vista metodológico, a principal preocupação é com a abordagem aos processos sociais e às práticas discursivas, estas situadas nos lugares e no tempo.

Daí a importância de esclarecermos o que é o campo nesta pesquisa:

- Apesar da saliência dos lugares físicos, o nosso campo não existe só nos lugares, nas delimitações territoriais da feira livre em São Paulo ou dos mercados e feiras em Bissau e na Praia.

Como refere K. Lewin, o campo deve ser reconhecido como a totalidade dos factos psicológicos, quer dizer, os factos que são reais por serem psicologicamente significativos e produzirem efeitos para as pessoas envolvidas (*Ex: uma determinada condições de saneamento público pode fazer com qque, num determinado contexto, as pessoas se acomodem no lugar evitando os efeitos dessa condição e noutro esse facto não implique numa gestão diferente do espaço*)

- Ao mesmo tempo, o campo é relativo aos espaços de vida das pessoas, ou seja, daqueles que tornam as feiras e mercados lugares socialmente densos e abertos às contradições das versões alternativas sobre eles. (*daí a importância de fazermos o mapeamento dos mercados e feiras nos espaços do dia a dia das atividades, enfatizando-se a pesquisa no fluxo dos acontecimentos nos espaços públicos delimitados*)

Um campo que não é apenas o lugar físico implica que temos de nos localizar psicologicamente e territorialmente mais perto das partes envolvidas e das feiras e mercados, por isso, além do momento de contato, outras acções compõem o nosso trabalho como, por exemplo,

- acções que nos permitem perceber a visão oficial do sector em que se inclui o micro-emprego;

- acções que incluem outros comerciantes e mesmo os que desses lugares se servem.

Isto permite ampliar a compreensão e a argumentação sobre os recursos, as atividades, as redes de relações sociais nas feiras e mercados.

Nesta perspectiva, o lugar territorial que não esgota o nosso campo é, no entanto, o lugar constitutivo de falas e conversas e se nós pudermos afirmar e apontá-lo como o lugar das pessoas que contam sobre ele, então podemos dizer que esse lugar territorial é efetivamente constitutivo do acontecimento social que nos interessa compreender. *Ou seja, posso afirmar que aquele lugar "riba" Praia, perto da Praça Grande é efetivamente o mercado da Praia de que as pessoas falam e contam.*

As feiras e mercados são partes da territorialidade do nosso campo, são constituídas de situações sociais e respectivos ambientes materiais (infra-estrutura material, regras municipais de funcionamento de espaços do género, balcões de venda, percursos migratórios e familiares, documentos oficiais...) que afetam as pessoas e os grupos.

É nessas situações sociais e ambientes materiais que estão as ideias sobre as condições para a geração de renda.

Quer dizer então que as situações sociais e respectivos ambientes materiais devem ser compreendidos como produtos sociais e não como realidades independentes.

Por isso, o nosso campo compõe-se não apenas das visitas e contatos nas feiras e mercados como das outras acções que referi e que, não sendo objetos específicos de pesquisa, acompanham os eventos que nos interessam no tempo e no espaço.

A ideia é que estamos perante o dia a dia polissémico que produz textos múltiplos, produtos repletos de sentido, representantes de diferentes repertórios de análise e argumentação sobre mercados e feiras.

Por conseguinte, no campo também nos aproximamos de factos não psicológicos de clima, de comunicação, de leis do país e organização que configuram os limites daquilo que é possível e não é possível e que pode e não pode acontecer nas feiras e mercados.

Estes elementos são constituintes importantes do espaço de vida dos trabalhadores que consiste no grupo e no ambiente que existe para o grupo.

Retomando a noção inicial de que não se trata de um estudo comparativo mas cumulativo, por exemplo, neste momento de visita exploratória e contatos, são utilizadas táticas mais direcionadas (observar e perguntar), de modo a conhecermos a forma como os trabalhadores agem, não para transformá-la em dados, mas para podermos conversar com as suas socialidades e materialidades, aquilo que está contido nas situações sociais e nos respectivos ambientes materiais que referi há pouco.

São essas socialidades e materialidades que impedem que a realidade de uma feira ou mercado seja comparada com outra no sentido de que o que encontro aqui devo encontrar lá. E se não encontrar, estou perante uma "falta"!

Por fim, queria referir que a exploração do campo não se esgota num lugar territorial, mas num lugar e nos seus significados e é muito favorecida, no caso deste nosso projeto, pelo fato de termos uma equipe multidisciplinar e plurilocalizada e que permite a construção de um espaço em que os pesquisadores mostram as suas posições e argumentos próprios, e tal como deverá acontecer no trabalho de campo, com os nossos sujeitos, a construção do conhecimento é debatida e negociada.

## **O CEsa**

*O CEsa é um dos Centros de Estudo do Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade Técnica de Lisboa, tendo sido criado em 1982.*

*Reunindo cerca de vinte investigadores, todos docentes do ISEG, é certamente um dos maiores, senão o maior, Centro de Estudos especializado nas problemáticas do desenvolvimento económico e social existente em Portugal. Nos seus membros, na maioria doutorados, incluem-se economistas (a especialidade mais representada), sociólogos e licenciados em direito.*

*As áreas principais de investigação são a economia do desenvolvimento, a economia internacional, a sociologia do desenvolvimento, a história africana e as questões sociais do desenvolvimento; sob o ponto de vista geográfico, são objecto de estudo a África Subsariana, a América Latina, a Ásia Oriental, do Sul e do Sudeste e o processo de transição sistémica dos países da Europa de Leste.*

*Vários membros do CEsa são docentes do Mestrado em Desenvolvimento e Cooperação Internacional leccionado no ISEG/"Económicas". Muitos deles têm também experiência de trabalho, docente e não-docente, em África e na América Latina.*

## **Os autores**

*IOLANDA ÉVORA*

*Iolanda Maria Alves Évora- Psicóloga Social pela Universidade de São Paulo, Brasil, investigadora associada do Centro de Estudos sobre África e do Desenvolvimento (Cesa,Iseg), ao abrigo do Programa Ciência 2008 da Fundação para a Ciência e Tecnologia de Portugal (FCT). Desde 1998 conduz trabalhos de investigação sobre dimensões psicossociais da migração cabo-verdiana, primeiro realizando investigação sobre as mulheres de origem cabo-verdiana em Itália e, mais recentemente, sobre transnacionalismo, processos associativos em contexto migratório e concepções e discursos sobre a diáspora cabo-verdiana dentro e fora do arquipélago. No campo da saúde/imigração tem estudado, nomeadamente, aspectos das percepções e atitudes dos jovens face ao VIH/Sida. Recentemente, participa de equipas de investigação sobre processos organizativos em contextos de trabalho informal como as feiras e mercados no Brasil, Guiné-Bissau e Cabo Verde. Lecciona disciplinas de Psicologia Social e Organizacional e Metodologia Qualitativa em licenciaturas e mestrados do ensino superior no Brasil, em Cabo Verde e em Portugal.*

***Centro de Estudos sobre África e do Desenvolvimento***  
*Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG/"Económicas")*  
*da Universidade Técnica de Lisboa*

*R. Miguel Lupi, 20                      1249-078 LISBOA                      PORTUGAL*  
*Tel: + / 351 / 21 392 59 83              Fax: [...] 21 397 62 71              e-mail: cesa@iseg.utl.pt*  
*URL: <http://www.iseg.utl.pt/cesa>*